

A luta da maioria para não passar por minoria

LUIZ CARLOS LISBOA

Não deixa de ser emocionante estar vivo num tempo que é levado a reencontrar antigos valores esquecidos e a redefinir palavras que foram deformadas pelo uso indevido, como alguém que limpa e dá um brilho novo a objetos guardados que estiveram fora de moda, mas nunca deixaram de ser úteis e belos. Foi o caso do direito da maioria absoluta da Assembléa Nacional Constituinte de fazer prevalecer sua vontade contra um punhado de constituintes defensores do "voto qualitativo", na Comissão de Sistematização. A reconquista, na manhã de quinta-feira última em Brasília, do princípio universal da soberania dos plenários, produziu a mais tumultuada sessão do Legislativo brasileiro dos tempos da República: o que devia chegar como discreta correção de rumo no caminho da democracia acabou aparecendo como revolução contra o jugo de uma minoria esperter e vigilante.

Há quem acredite que toda essa turbulência é necessária como exemplo e advertência, provocando a reação que de outro modo não ocorreria. Terminada a batalha campal das galerias treinadas contra o plenário da Assembléa Constituinte, alguns portadores do radicalismo endógeno, que tem afligido o País, continuaram fazendo ameaças, mas o presidente nacional do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, foi de uma objetividade fulminante, comentando: "As esquerdas passaram muito tempo iludidas com as vitórias obtidas na Sistematização e se esqueceram que os conservadores são maioria. Agora veio o choque da derrota e muitos estão traumatizados". As lições estão aí, e são assimiladas muito lentamente, ao contrário da que nossa pressa deseja. Afrmam observadores da guerra de quinta-feira que o vice-líder petista José Genofno é um dos inconformados com a petulância dessa maioria absoluta que deseja impor sua vontade contra a diligente minoria (também absoluta) da inesquecível Comissão de Sistematização, destruindo o trabalho "histórico" das persistentes formiguinhas minoritárias que tinham feito afinal um belo trabalho preparatório da implantação futura de um regime "progressista" no País, pela via do desconhecimento e das crises latentes no bojo do projeto de Constituição, ora em debate.

Os socos e pontapés da famosa sessão, assim como os petardos dos grupos punitivos instalados nas galerias do Congresso, não deram resultado desta vez, mas podem ter papel decisivo da próxima. O fato é que um constituinte não é necessariamente treinado para enfrentar misséis, revidar ameaças ou manter-se calmo e lúcido numa refrega. Fosse a nossa uma Assembléa composta de samurais e as preocupações do País que elegeu esses homens não seriam tão grandes. A informação que a maioria dos jornais, revistas e emissoras de televisão forneceram, com honestidade e minúcia, da luta

em que se empenha hoje a maioria da Assembléa Nacional Constituinte para fazer valer seu direito elementar de expressão e voto é talvez a página mais bonita (que só o futuro vai agradecer com efusão) da grande guerra movida contra a liberdade no mundo moderno. Constatar o fenômeno não é ver fantasmas ao meio-dia, mas é descobrir que cada um de nós, até o mais atento dos cidadãos, pode ser roubado sob a luz do sol, numa rua movimentada, sem se dar conta disso. Numa época em que bons e maus desenvolvem suas habilidades até os limites da perfeição, é absolutamente possível a maioria inofensiva (metade e mais um dos seus membros) ser bigodeada pela minoria indisputável da mesma Assembléa — a menos que se faça uma correção rápida desse entortamento da realidade. A "guerra de quinta-feira" foi isso, não mais.

É claro que o conflito, a rasteira e o trabalho de formiguinha não cessaram aqui, mesmo porque a luta internacional de que a nossa é cartadura continua com todo seu vigor. Outros recursos de habilidade e paciência serão usados, e eles podem estar sendo afiados a partir deste fim de semana, quando os líderes do chamado Centrão devem permanecer em Brasília para negociar ou coordenar novas vitórias. Seu principal adversário no momento deixou de ser a "minoria silenciosa", que prepara comissões, indica relatores e engendra regimentos. Agora é o tédio da Capital, a "fossa" do Planalto Central, seus largos horizontes e grandes nuvens mutantes no alto do céu. Segurar em Brasília os 290 constituintes que aprovaram o substitutivo Cardoso Alves na manhã do dia 3 é tarefa das mais difíceis, enquanto para a minoria é fácil convocar os grupos de pressão e seus próprios militantes, donos de uma "consciência histórica" sólida e fria como um iceberg. O elefante da maioria pode ter dificuldade de enfrentar com sucesso as saúvas teimosas da minoria, e o formigueiro pode levar a melhor, com uma carnificina final digna dos piores filmes de horror ecológico.

O artigo 27 do projeto de regimento da Constituinte, aprovado há dois dias em Brasília, simplesmente faculta à maioria absoluta da Assembléa a apresentação de substitutos e emendas que podem alterar títulos, capítulos, artigos, parágrafos e incisos do projeto proveniente da Comissão de Sistematização. Em outras palavras, a Constituinte quer cumprir a missão para a qual foi convocada. Para chegar até isso, foi preciso enfrentar pressões que felizmente os veículos de comunicação estão registrando com toda liberdade. Esse testemunho do nosso tempo e sua loucura peculiar é fundamental para os que virão depois de nós. Por isso tudo, é reconfortante estar vivo neste tempo de mudança de consciência, no campo minado e sofrido da política nacional, às portas de alguma coisa que pode ser uma nova época, ou a repetição infinita e recorrente de tudo o que já passamos, como um pesadelo.